

EXPERIMENTO WARBURGUIANO: UM ESTUDO DA PASSAGEM DO TEMPO NA NECRÓPOLE PELOTENSE

JAMILA LIMA MACEDO¹; NEIVA MARIA FONSECA BOHNS²

¹Universidade Federal de Pelotas – jamila.lapidarium@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – bohnsventos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta os resultados parciais de um experimento de análise cemiterial que investiga os indícios da passagem do tempo num determinado conjunto de sepulturas. O trabalho, desenvolvido a partir dos elementos existentes no Quadro Velho do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (CSCMP), apresenta uma discussão sobre os processos de “apagamento das memórias cemiteriais”, em função da descaracterização das sepulturas, seja por fatores climáticos, seja por falta de manutenção, ou vandalismo inescrupuloso. Assim, interessa observar não apenas as imagens preservadas, mas também os indícios dos elementos desaparecidos. Inspirado no método desenvolvido pelo estudioso Aby Warburg (1866-1929), o estudo parte da construção de painéis comparativos, com imagens de diversos períodos históricos, conhecido como *Atlas Mnemosyne*, e foca nos detalhes e nas partes faltantes do cemitério antigo, tratadas como indícios dos elementos que existiram no passado, constituindo-se em lacunas históricas.

Para ter acesso ao Quadro Velho do CSCMP, é preciso passar por um portão, que possui, como ornamento, na sua parte superior, uma coruja de ferro fundido. Essa pequena coruja motivou a ideia de desenvolver o atlas sobre tempo, abrindo novas possibilidades de análise iconológica em espaços de sepultamentos.

2. METODOLOGIA

O estudo, baseado em fontes primárias e secundárias, apresenta caráter qualitativo. Para a realização desta investigação, os principais teóricos utilizados são Aby Warburg (1866-1929), Georges Didi-Huberman (1953) e Carlo Ginzburg (1939), que versam sobre história da arte, imagem e representação. Os métodos para a realização desta pesquisa, são: levantamento bibliográfico, registro fotográfico dos detalhes arquitetônicos e decorativos esculpidos/ integrados às sepulturas existentes no CSCMP, e leitura iconológica de imagens, de acordo com o método desenvolvido por Aby Warburg.

O pensamento de Warburg centraliza-se em dois conceitos fundamentais: o *nachleben*, que está relacionado ao poder de sobrevivência da imagem perante o tempo, e o *pathosformeln* que avalia a imagem pela capacidade de criar emoções. Segundo Didi-Huberman (2013, 2012), esse método objetiva dispor imagens, de diferentes períodos, em pranchas anacrônicas, sem linearidade, que apresentam elementos visuais similares. Assim, caracteriza-se como uma experiência interdisciplinar, resultando em um mapa visual que evidencia diversas características do campo da cultura e da memória. A sobrevivência da imagem está relacionada a esse movimento cíclico do sintoma (*pathos*) e da pós-vida da imagem, que se transforma em diferentes culturas, adquirindo significados distintos (Didi-Huberman, 2013; Santos, 2019). Para Ginzburg (2001) “a `representação` faz

as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro lado, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença”. (Ginzburg, 2001, p. 85).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

EXPERIMENTO WARBURGUIANO: ATLAS MNEMOSYNE CEMITERIAL

As imagens foram assim distribuídas: três pranchas com fundo preto, que variam entre fotografias atuais e antigas do Quadro Velho, e detalhes de ornamentos integrados às sepulturas.

A leitura da primeira prancha inicia com a identificação de uma coruja, feita em ferro fundido, com as duas asas abertas. Esse elemento iconográfico, que instigou a análise sobre a passagem do tempo no CSCMP, suscitou outra indagação: “de que maneira a imagem da coruja está associada à passagem do tempo na história da arte ocidental?”

Na arte funerária, a coruja possui relação com vigilância, solidude, Para Keister (2004) a coruja faz referência direta a Cristo e sua capacidade de guiar aqueles que se encontram nas trevas. O mesmo autor, ao tratar do tema da coruja, menciona um trecho bíblico (Lucas 1:79): “Para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz” (American Bible Society, 2005, p. 993).

No que concerne à história local, a imagem mais do cemitério, que se tem registro, é a fotografia da vista geral do Cemitério, feita por C. Carriconde, datada de 1922, publicada no Album de Pelotas: Centenário de independencia do Brasil 7 de setembro 1822 – 1922. Na imagem antiga, observa-se o cemitério “novo”, ornamentado com flores, com pessoas saindo da Capela do Nosso Senhor do Bonfim, e andando pelo *Cardus Maximus*, avenida principal do Quadro Velho. É provável que essa fotografia tenha registrado as tradicionais missas ocorridas nos feriados de finados, que deixaram de existir. A Capela do Nosso Senhor do Bonfim, que aparece na imagem, hoje se encontra sem o telhado e continua se degradando, devido ao crescimento de vegetação que compromete a integridade da paredes. A ruína, o descaso e o vandalismo são evidentes.

Entre a fotografia antiga e a recente, apresentadas no painel, passaram-se 103 anos. Nitidamente, muito se perdeu ou foi modificado. As cores das sepulturas foram alteradas, e outras descaracterizações. Com o desgaste material, algumas sepulturas ainda resistem e outras sucubiram.

O questionamento feito na primeira prancha conduz para a segunda prancha, que apresenta a pintura de Hans Baldung, “*As Idades e a Morte*”, realizada entre 1541-44, onde são representados um bebê, uma mulher jovem, uma mulher idosa e a morte. A morte aparece como uma figura cadavérica que, em uma mão, segura um cajado quebrado em duas partes, e, na outra mão, uma ampulheta que representa a passagem do tempo (Keister, 2004).

Identifico aqui um *pathosformeln* importante, visto com frequência na arte funerária, e, inclusive, no Quadro Velho do CSCMP. A ampulheta com asas angelicais, asa de morcego, assim como a foice partida, também simbolizam a morte e o tempo que terminou. A ampulheta alada, esculpida em pedra, encontrada no Quadro velho, representa a natureza cíclica da vida e da morte, e o tempo que se esvai.

Na iluminura medieval que ornamenta o mês de julho, atribuída aos Irmãos Limburg, observa-se o labor no campo e a tosquia das ovelhas, fazendo referência

ao deus grego do “tempo oportuno”, *Kairós* (Silva, 2023). Na parte superior da iluminura, temos um arco romano com o calendário e a representação dos signos de câncer e leão, ou seja, a passagem do tempo entre esses dois signos do zodíaco. Ginzburg (2001) menciona que após 1215 ocorre a diminuição do medo das imagens pagãs, sendo utilizadas com mais frequência na arte, inclusive justapostas a temáticas cristãs. Nessa prancha, observa-se uma narrativa sobre o tempo da vida. A representação do tempo, na história da arte moderna, está presente na conhecida pintura surrealista de Dalí, com relógios em processo de derretimento, sendo devorados por formigas. Esse conjunto de imagens remete ao mito de Cronos.

Seguindo o a dicotomia do tempo de vida/morte, na terceira prancha observa-se imagens que representam presença e ausência. A lacunas evocam mensagens que deveriam se perpetuar, mas que foram esquecidas. Na primeira imagem da prancha 3, no lado superior esquerdo, temos uma fotocerâmica de Adelina Sica, datada de 2018; logo abaixo, vemos uma imagem de 2025. Em algum momento, a fotocerâmica caiu, e hoje só existe a moldura vazia.

Ao lado, outra fotocerâmica foi perdendo a imagem. Hoje existem borrões, mas em 2018 ainda era possível identificar uma família de 7 membros, dentre eles um bebê na sua urna funerária. Também temos a imagem da escultura de bronze, uma representação do anjo do silêncio, que ornamenta o mausoléu de Frederico Bastos, figura histórica de destaque na história de Pelotas. Esse anjo foi removido do lugar de origem, e meses mais tarde, foi recolocado. É possível observar a adição de massa cimentícia na base da escultura.

4. CONCLUSÕES

Os cemitérios são ambientes ideais para refletir sobre a passagem do tempo. Tais lugares, concebidos para guardar os restos mortais dos indivíduos cujas existências mereceram ser lembradas, por razões familiares, sociais e históricas, atualmente correm sérios riscos de desaparecimento. Observar as marcas da passagem do tempo, seja nos símbolos produzidos com esse objetivo, seja na descaracterização das sepulturas, faz pensar nos diferentes conceitos de tempo praticados pela sociedade ocidental.

Na mitologia grega, o tempo é representado pelo titã Cronos (*Κρόνος*), filho mais novo de Urano e Gaia (o céu e a terra), que antecede o panteão de Zeus e os demais deuses. Sendo o soberano do mundo, casou-se com sua irmã Reia e devorou seus filhos. Na mitologia romana, Cronos está associado a Saturno. Essa temática mitológica foi amplamente representada na história da arte ocidental em diferentes períodos, por vários artistas. Os filósofos gregos pré-socráticos Heráclito e Parmênides, também Platão e Aristóteles refletiram sobre o tema.

No Renascimento, as concepções sobre o tempo passaram por mudanças significativas. O tempo foi quantificado, objetivado e abordado do ponto de vista da física e da matemática por Isaac Newton (1643-1727) e Galileu Galilei (1564-1642) – precursores dos estudos modernos nas ciências exatas (Arrebola, 2024). A partir do século XIX, a temática atingiu outros patamares de complexidade, a partir de Friedrich Nietzsche (1844-1900); no século XX, o tempo também foi discutido por filósofos importantes como, por exemplo, Martin Heidegger (1889-1976), dentre outros, que contribuíram para o aprofundamento epistemológico sobre o assunto.

No cemitério, as representações do tempo podem ser abordadas do ponto de vista social e antropológico, como uma construção cultural. Para a ciências humanas, de acordo com Arrebola (2024), o tempo também possui características

subjetivas, não se limitando à realidade objetiva; a ideia de tempo varia com a época, e com a sociedade. Transforma-se através das esferas políticas, sociais e econômicas. Mas para que os estudos cemiteriais possam progredir, as sepulturas precisam ser preservadas.

No Quadro Velho do CSCMP, a ação do tempo é percebida nas partes faltantes, nas intervenções restaurativas, nas sepulturas recém-pintadas, no abandono de alguns túmulos, ou, ao contrário, na limpeza extrema, que favorece a degradação de alguns materiais. A passagem do tempo, portanto, está marcada no próprio ambiente que deveria guardar, com o máximo de dignidade, a memória dos mortos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN BIBLE SOCIETY. **Bíblia Sagrada: com letra maior**. trad. João Ferreira De Almeida. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

ARREBOLA, D. L. Conceito de tempo nas ciências humanas e desafios da antropologia – perspectivas para a pesquisa. **Revista Foco**, [S. l.], v. 17, n. 7, p. e5610–e5610, 24 jul. 2024.

DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente: história e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2013 (ArteFíssil, 5).

DIDI-HUBERMAN, G. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], , p. 206–219, 30 nov. 2012.

GINZBURG, C. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2001. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/olhos-de-madeira-carlo-ginzburg-pdf-free.html>. Acesso em: 1 ago. 2025.

GRIMAL, P. **Dicionário de mitologia grega e romana**. trad. Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2005. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/pierre-grimal-dicionario-da-mitologia-grega-e-romanapdf-3-pdf-free.html>. Acesso em: 19 ago. 2025.

KEISTER, D. **Stories in stone: a field guide to cemetery symbolism and iconography**. Salt Lake City: Gibbs Smith, 2004.

SANTOS, C. G. X. R. do. Aby Warburg, a função rememorativa das imagens e o tempo: relatos e análises de Didi-Huberman acerca da sobrevivência das imagens. **Temática Ano XV**, NAMID/UFPB, v. 7, p. 15–25, jul. 2019.

SILVA, A. S. **Kairós, um segredo impronunciável**. Uma investigação sobre o tempo nas artes performativas. *Diacrítica*, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 136–153, 13 dez. 2023.

WARBURG, A. **Atlas Mnemosyne**. Madrid: Akal, 2010 (Arte y estética, 77). Disponível em: <https://pdfcoffee.com/warburg-aby-atlas-mnemosyne-pdf-free.html>. Acesso em: 15 jul. 2025.